

O HÁBITO DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR*

Célia Maria Pase Cassol**

Rosana Zucolo***

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar a relação do professor com a leitura, através de uma pesquisa de campo aplicada a docentes que lecionam em uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio, traçando o seu perfil de leitores. Para que isso se efetivasse o grupo foi delimitado e selecionado pela série trabalhada. A partir de depoimentos, a pesquisa verifica o comportamento de leitor desses professores, desde a infância até o momento presente. O procedimento metodológico adotado para poder atingir os objetivos da investigação foi a realização de uma pesquisa de campo aplicada a cinco professores de uma escola estadual. Nesse sentido, foi analisada a trajetória do professor enquanto leitor, sua formação, suas experiências e preferências, assim como, o acervo pessoal e a sua relação com a leitura.

Palavras- chave: leitura, experiências e gosto pela leitura.

ABSTRACT

This work describes and analyzes the teachers' relation with and their taste for reading, through a field research applied to teachers who work in Elementary/Primary School and Secondary/High School, with the objective of designing their profiles as readers. In order for this research to become effective the group of interviewed teachers has been defined and then selected for worked level. Based on the teachers' statements, the research has observed their behavior as readers, since childhood until present days. For the purposes of the investigation to be achieved, a field research has been developed, being applied to five teachers of a State School, and six factors have been analyzed:

* Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

**Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

***Professora Orientadora – UFSM.

the development of the teachers as readers, their education, experiences and preferences, their personal book collection and their relationship with reading.

KEY-WORDS: reading, experiences, taste for reading.

1 - INTRODUÇÃO

O domínio da habilidade de leitura é necessário e, de certa forma, imprescindível considerando-se os padrões sociais atuais. Entretanto, há na composição da nossa sociedade um grande número de pessoas, que por razões diversas, não conseguem desenvolver e usufruir de tal habilidade.

Pode-se dizer que há algumas variáveis que influenciam na formação de leitores, e dentre elas citamos a influência da família, da escola, assim como das bibliotecas, segundo Gregg e Sekeres (2006). Certamente que nesse contexto cabe à escola a maior parte da responsabilidade para que tenhamos leitores, independentes, críticos e criativos. O que nos reporta também a professores com formação adequada, atualizados, bons modelos de leitores, flexíveis, que dominem opções teórico-metodológicas.

Conforme Salles e Parente (2002), a compreensão da leitura envolve um processo cognitivo complexo no qual são incluídas habilidades que podem ser consideradas mais simples. Por isso, a proposta deste trabalho é abordar algumas questões relacionadas ao estímulo à leitura.

Escolheu-se a pesquisa de campo para investigação por ser prática, direta e os professores pela série trabalhada por serem à base da formação educacional. Os professores responderam as seguintes perguntas: 1) Existia em sua casa um ambiente propício a leitura, antes mesmo de você aprender a ler? Seus pais liam? Havia livros na sua casa? E outros materiais de leitura? 2) Como foi que você começou a ler? 3) Você lia na infância? O que você gostava de ler e por quê? 4) Você lia na sua adolescência? O que gostava de ler e por quê? 5) Você lia durante o curso de 2º grau (Magistério ou outros)? O que gostava de ler e por quê? 6) Você lia durante o curso superior ou pós-graduação? O que gostava de ler e por quê? 7) Qual leitura que mais o (a) marcou e por quê? 8) Atualmente, quais são os tipos de livros que lê e por quê?

9) Você se considera um leitor? Como se avalia e por quê? Você possui livros em casa? Este trabalho não pretende estabelecer de forma definitiva o perfil de leitor do docente do Ensino Fundamental e Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Doutor Júlio Prates de Castilhos, localizada em Júlio de Castilhos - RS. Ele serve como primeiro passo para uma discussão sobre a figura do professor leitor.

Assim, este artigo possui a seguinte estrutura: 1. Introdução, 2. Leitura Instrumento de Incentivo à Cidadania, 3. Convivência com a Leitura, 4. Gosto pela Leitura: o despertar, 5. Acervo Pessoal, 6. A Formação do Leitor, 7. Os Mediadores Sociais, 8. Análise das Histórias da Leitura e 9. Conclusão

2. LEITURA INSTRUMENTO DE INCENTIVO À CIDADANIA

Segundo Martins (1986) a leitura da palavra é um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida.

Em toda atividade humana está envolvida um tipo de leitura seja ela de formas, de cores, de sinais, ou de letras. Todas elas têm por objetivo transmitir uma mensagem de interação social. Ao decifrar o código, o leitor estabelece relações com mundos distantes, ampliando seu conhecimento e compreendendo seu papel como sujeito histórico.

A escola reconhece que o livro é um meio para adquirir conhecimento, atribuindo ao texto à valorização de um objeto pertencente à classe dominante.

Conforme Bordini e Aguiar (1993) o analfabeto, o não leitor e o leitor deficiente são subprodutos desse modelo escolar, no qual a leitura tem um espaço muito pequeno, pois na organização escolar há todo um currículo oculto.

Segundo Ezequiel Theodoro da Silva (1998) somente com uma política de leitura, que considere as reais condições para que ocorra a produção da mesma, é possível formar leitores eficientes, principalmente no âmbito escolar. Contudo, acrescenta que a leitura precisa ser vista de forma diferente não só como uma obrigação puramente escolar, mas para compreender a realidade e situar-se na vida social.

Ainda Ezequiel Theodoro da Silva (1985) afirma que o processo de leitura possui *poder conscientizador* o qual possibilita ao homem descobrir as suas representações do mundo. Conseqüentemente, esse processo faz que o homem dialeticamente direcione-se para determinados fatos e relações contidos na realidade circundante e tome distância desses a fim de refletir sobre eles, questioná-los e transformá-los, quando necessário.

No momento em que o leitor escolhe um texto e começa a lê-lo surge uma espécie de jogo, no qual ele passa a viver imaginativamente as ações das personagens, a preencher espaços a partir de suas experiências. Conforme Bordini e Aguiar (1993) o prazer da leitura provém da riqueza polissêmica da leitura: o leitor constrói um universo que o texto apenas deixa esboçado e, através da reconstrução do universo simbólico da obra, o leitor pode vivenciar coisas não experimentadas na realidade.

A questão da leitura tem merecido pouca ênfase durante a formação do educador. Devido à mínima atenção que os educadores têm dado aos estudos e pesquisas na área da leitura, nota-se uma falta de clareza sobre qual é realmente a função da leitura ou seja formar um leitor consciente, crítico.

Acredita-se que uma boa alfabetização resulta na formação de um leitor eficiente. Entretanto, se as atividades de leitura não forem praticadas de forma intensa e contínua na fase posterior à alfabetização, tanto no ambiente escolar quanto nos outros frequentados pelo aluno, não se efetivará a formação de um leitor. Como esclarece Ezequiel Theodoro da Silva (1991) a leitura deve ser uma preocupação constante de todos os professores, tanto alfabetizadores quanto os demais que fazem parte do contexto escolar. O ensino da leitura, segundo o autor, deve iniciar-se com a alfabetização e prosseguir em densidade de textos com habilidades devidamente sequenciadas.

Devido a essas deficiências, observadas nos cursos secundaristas e no curso superior, o professor acaba se apoiando no livro didático com todas as suas falhas, para trabalhar com leitura. Constata-se, assim, um problema: os professores estão passando para seus alunos uma concepção muito limitada do processo de leitura.

Outro problema que não pode ser esquecido diz respeito à figura do professor que não gosta de ler, devido a lacunas na sua própria formação escolar. Em função disso, as metodologias utilizadas nas aulas de leitura com

as crianças e os adolescentes acabam sendo a repetição do que ele conheceu como aula de leitura, pois não há o conhecimento das teorias da leitura e nem a intenção de se formar leitores críticos e maduros.

3. CONVIVÊNCIA COM A LEITURA

A formação do leitor inicia na infância e estende-se por toda a vida do indivíduo, mediante um processo crescente e contínuo que se desenvolve através da prática constante da leitura. Portanto, é um processo complexo, que depende de fatores internos e externos, os quais o sujeito nem sempre consegue relatar com clareza, pois ele está diretamente ligado a esse processo.

As recordações do tempo de infância podem permitir que se estabeleçam alguns fatores externos que interferem na formação de um leitor. *Através do questionamento quanto à existência ou não de um ambiente propício à leitura na casa onde passou a infância, a maioria das entrevistadas apontou que viveu num ambiente em que a leitura, de uma forma ou outra, estava presente. Nota-se que várias professoras viveram experiências semelhantes quanto ao fato de ouvirem histórias do pai, da mãe ou de irmãos mais velhos:

“Na época que tinha fogão a lenha, a gente sentava à noite, no inverno, ao redor do fogão e o pai contando histórias de pescaria, de caçada, e nós ali de olhos arregalados escutando-o. Muitas das histórias eram inventadas, mas era uma coisa que nos chamava atenção: imagina o pai contando histórias, que matou uma onça, que viu um leão.” (Professora 1)*

Dentre aquelas que afirmavam a inexistência de um espaço em que a leitura estivesse através de livros ou outros materiais impressos, há casos em que o contador de histórias fez parte da infância, antes mesmo de aprenderem a ler:

“Não tinha ambiente para leitura, não tinha acesso a jornal, revista,

* Professora 1 - entrevista concedida a autora na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Júlio Prates de Castilhos, Júlio de Castilhos- RS.

nem a televisão. A minha mãe contava histórias, eu adorava, ela dizia que eram causos, e a gente prestava muita atenção e gostava depois a gente contava para outras crianças, para os amiguinhos. Eu lembro até hoje, marcaram muito.” (Professora 2)^{*}

Percebe-se também que a leitura, para muitas famílias, era algo que cabia à escola incentivar, ou seja, até a idade escolar a família não assumia a responsabilidade quanto à formação de um leitor. Tal idéia é compreensível, pois praticamente todas as entrevistadas são oriundas de famílias interioranas, de poucos recursos financeiros e de pouca ou nenhuma escolaridade.

A entrevistada 3^{**} relata que seus pais sempre trabalharam e não tiveram tempo para estudar muito, e talvez, devido a isso, não tinham o hábito da leitura, apenas ouviam rádio ou assistiam televisão. Lembra que não conviveu com outras crianças, apenas com pessoas adultas, pois era a neta mais velha da família, e uma das coisas que a marcou mais foi o fato de nunca ter ganhado livros de histórias, o qual gostaria de ter recebido. Apenas recorda da avó contando “histórias bem interessantes”.

Quanto à existência de livros na casa onde viveram quando crianças, os professores lembraram que os materiais de leitura eram muito raros e, principalmente, caros. Entre os materiais citados, há as histórias em quadrinhos, as revistas, os jornais, os livros didáticos e alguns clássicos da^{*} literatura infantil que eram lidos pelas mães, antes das crianças dormirem.

A entrevistada 4 cresceu em um ambiente em que os materiais de leitura eram mais específicos, ou seja, possuíam uma determinada função:

“(…) eram mais livros religiosos, Bíblia, histórias da Bíblia, livros didáticos, porque tenho irmãs mais velhas que estudavam e tinham livros. A mãe lia, a gente lia a Bíblia, ou contava histórias da Bíblia, ou lia a lição que a gente tinha da escolinha da igreja, a gente lia, toda semana tinha uma história que ela lia pra gente.” (Professora

^{*} Professora 2 – entrevista concedida a autora na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Júlio Prates de Castilhos, Júlio de Castilhos- RS.

^{**} Professora 3 – entrevista concedida a autora na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Júlio Prates de Castilhos, Júlio de Castilhos – RS.

^{***} Professora 4 – entrevista concedida a autora na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Júlio Prates de Castilhos, Júlio de Castilhos – RS.

4)^{***}

Para que a leitura possa tornar-se uma prática constante é importante que a criança desde cedo, conviva em ambiente sociocultural que possibilite a leitura dos diferentes textos que transitam na sociedade e, principalmente, do texto escrito, privilegiado pela cultura letrada.

A partir dos relatos das professoras, fica claro que a leitura praticamente não fazia parte de suas vidas antes de frequentarem à escola. Estudos confirmam que o contato com a leitura antecede o ingresso no ambiente escolar e que a família possui papel fundamental no desenvolvimento desse hábito. Mas ainda é para a escola que convergem às maiores expectativas em relação à leitura, tendo em vista as precárias condições socioeconômicas em que sempre viveu a grande parte da população brasileira, afastada dos bens culturais.

Algumas das entrevistadas relataram experiências que marcaram o início da vida escolar, principalmente quanto ao aprender a ler e escrever, lembranças que talvez tenham ficado associadas à leitura:

“(…) meus pais me colocaram na pré-escola e para mim, ir para a escola significava começar a ler e escrever (...). E eu cheguei lá e não tinha leitura e escrita, tinha teatro, tinha fantoche, tinha pintura e aquilo começou a me dar um desespero, e uma agonia, e eu chorava (...). Ai eu contei: eu choro porque eu não quero teatro de fantoche (...) eu quero ler e escrever. Aí elas fizeram um teste (...) e me colocaram na primeira série.” (Professora 1)^{*}

“Fiz o jardim de infância, mas eu lembro que eu chorava, chorava, não queria ficar no colégio, tinha medo das freiras (...). Na primeira série eu fui, eu também chorava, chorava me lembro que tinha uma freira tão ruim (...). Ela me discriminava, porque eu não sabia, eu não entendia, eu chorava claro, eu não aprendia (...) fui reprovada.” (Professora 2)^{**}

Uma das entrevistadas destacou que no ambiente familiar, antes de frequentarem a escola, a leitura estava mais presente, através de gibis ou dos

*Professora 1

**Professora 2

poucos livros infantis lidos pela mãe, que no ambiente de sala de aula:

“Tenho lembranças de leituras em casa, com amigos, em biblioteca. Na escola não me lembro de sala de leitura, de livros. Eu gostava de ler.” (Professora 1)

Ao descreverem a sua história de leitura durante a fase da adolescência, percebe-se que quase a totalidade dos professores passou pela experiência de ler para cumprir atividades escolares. Entretanto, um grupo buscava outros tipos de textos que atendiam aos seus interesses. Por outro lado, há as entrevistadas que sentiam prazer em ler os livros indicados pelo professor de Língua Portuguesa, a partir da quinta ou sexta séries:

“Lia aqueles livros que as professoras solicitavam para os trabalhos, parte de português, Dom Casmurro, Cinco Minutos. Eu gostava de ler esses livros, eu lia, sempre que era pedido já devorava o livro.” (Professora 3)

“A gente ganhava atividades, a professora de Português dava livros pra a gente ler, (...) depois a gente comentava, (...) Eu gostava de ler, só não gostava de ir lá comentar.” (Professora 5)

Como já observou Ângela da Rocha Rolla (1995) quando traçou o perfil de leitor do professor em sua tese de doutorado, o adolescente lê mais, pois a escola exige muito mais leituras, principalmente literárias. Contudo essa leitura é vista de uma forma totalmente diferente das demais, pois vem carregada de um caráter de obrigatoriedade escolar que por si só a afasta da idéia de prazer. O mesmo título, sugerido por um amigo ou indicado para estudo na aula de literatura, não apresenta a mesma conotação, podendo até ser lido de outro modo, quando se tratar de trabalho escolar.

Quando as professoras são questionadas sobre as experiências com a leitura durante o segundo grau, muitos se recordam de leituras que não trouxeram muito prazer, da mesma forma que ocorria nas séries finais do ensino fundamental:

“As leituras foram muito poucas, lembro bastante de literatura, que a

* Professora 3

gente pegou escritores, mas que me marcou... tinha aqueles nomes difíceis que a gente tinha que pôr na cabeça pra prova. Eram leituras obrigatórias, bem obrigatórias, não por gostar.” (Professora 5)**

Contudo, algumas das entrevistadas, talvez por se considerarem leitoras durante a adolescência, viam os livros que a escola obrigava a ler como leituras interessantes e necessárias a sua formação:*

“Eu lembro que eu lia Machado de Assis, José de Alencar, eu lia e tinha que fazer aquelas fichas de leitura. Gostava sim, tinha mais prazer em ler do que responder aqueles questionamentos, preencher aquelas fichas todas.” (Professora 3)*

A presença da literatura no ensino médio não necessitava de qualquer justificativa enquanto o ensino preservou a sua origem humanista. Quando se tomou profissionalizante, o ensino médio precisou reelaborar os reais objetivos da existência da literatura no currículo escolar. Profissionais estudiosos da área da literatura, como Regina Zilberman (1991), apontam as razões para tal redefinição por que o conhecimento da literatura não é propriamente profissionalizante; o aluno, ao estudá-la, não adquire nenhum saber prático com o qual possa manter-se financeiramente logo, não se justifica como terminalidade.

Talvez a maior justificativa da permanência da literatura no currículo de ensino médio seja o vestibular pois este, além de indicar que obras devem ser lidas e analisadas pelos alunos, também determina como a literatura deva ser estudada. Há geralmente um privilégio no estudo da literatura brasileira sob uma ótica histórica e evolucionista, optando-se, quase que exclusivamente pelas análises das obras de autores do passado.

A maioria das entrevistadas lia praticamente da mesma forma. A leitura foi vista como uma obrigação também no curso superior, ou seja, as entrevistadas optaram por ler somente as obras que o próprio curso superior exigia para o cumprimento de tarefas.

A partir do relato das professoras, nota-se que o hábito de adquirir livros foi intensificado durante a realização do curso superior. Durante o ensino

*Professora 3

* Professora 5

fundamental e médio, os poucos materiais de leitura comprados se restringiam a revistas, jornais, histórias em quadrinhos ou romances vendidos em bancas de jornal, que traziam textos que atendiam muito mais os interesses dessa faixa etária:

“Eu lia bastantes aquelas revistas Julia, a gente trocava bastante... Julia eu lia um monte, quando não podia comprar, a gente trocava, lia duas, três vezes a mesma historia.” (Professora 3)*

Quando chegaram à Universidade, o hábito de comprar livros tomou-se quase uma rotina para alguns dos professores, pois à medida que os estudos avançavam que surgiam novos temas, a busca por outros materiais de leitura foi inevitável, passando a ser uma atividade rotineira:

“Se eu via um livro na livraria que me interessasse que era da minha área, eu adquiria, comprava e lia. Eu lembro que eu lia bastante na minha área, livros sobre história.” (Professora 5)**

Quando questionadas sobre a leitura que mais as marcou, as entrevistadas referiram-se tanto a leituras feitas na infância e na adolescência quanto àquelas realizadas durante o curso superior ou as leituras mais recentes. Contudo, percebe-se que as leituras mais significativas, aquelas que ficaram na lembrança, para a maior parte dos professores, são leituras já realizadas há muito tempo, ou seja, os textos lidos depois de sua formação, tanto os de ensino médio quanto os do nível superior, não estão classificados como preferidos.

Observando-se todas as leituras apontadas como as que ficaram nas suas lembranças, pode-se dividi-las em quatro grupos: leituras de livros didáticos; leituras de livros ligados à educação; leituras de livros literários e didáticos; outras leituras variadas, voltadas ao entretenimento ou à busca da informação. Além dessas, algumas entrevistadas apontaram simplesmente gêneros de textos ou preferências quanto a assuntos, não mencionando um título específico.

* Professora 3

**Professora 5

No primeiro grupo encontram-se leituras realizadas por duas professoras, as quais recordaram momentos de sua vida escolar em que a leitura de um texto específico foi marcante. Para a professora 3* há um texto que deixou lembranças numa fase de sua vida como estudante:

“(...) tinha aqueles exames de leitura (...), ficar com a posição dos braços pra ler, dai me marcou a leitura que eu li, até eu lembro hoje o que era A menina do vestido branco, de um livro didático (...). Não †sei se porque eu tinha passado por uma fase de reprovar, me marcou bastante, até hoje nunca esqueço a leitura que li pra elas. Com essa leitura eu passei pra segunda, consegui ler bem.”

Da mesma forma, a professora 4** destaca um texto de livro didático como a leitura que considera mais significativa na sua história de leitura:

“(...) Mane Bocó era o nome do texto. Acho que eu li no ensino fundamental. Ele era engraçado (...). Era um moço que começou a arrumar uma namorada e (...) não sabia falar direito. (...) O nome da moça era Hemengarda. A mãe dizia pra ele que chegasse lá e falasse palavras doces, (...) chegou lá uma vez e começou a falar em doce, doce de côco, doce de batata doce, (...) Não adiantava, a moça não queria (...). Ele voltava triste, (...) ar eu não lembro mais (...). Esse texto marcou.”

No segundo grupo estão as professoras que destacaram alguma leitura que trata de assuntos referentes à sua profissão, livros que tratam de educação, nos quais o processo ensino-aprendizagem é apresentado sobre novas perspectivas. Praticamente todas apontaram a mesma razão para que esta seja a leitura mais significativa dentre todas as já realizadas, ou seja, foram leituras que as fizeram repensar o seu trabalho como professoras e as ajudaram a lidar com as dificuldades diárias em sala de aula:

“Acho que é a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, foi o primeiro livro que li na Pedagogia (...). Eu trabalhava numa escola de crianças

* Professora 1

** Professora 3

*** Professora 4

carentes, e tinha muita explicação no livro (...). Foi um livro que me ajudou no meu trabalho e na minha vida fora dele também, nas minhas relações, até com colegas na escola.” (Professora 1)

“(...) me marcou muito o livro Alfabetização em Processo da Emília Ferreiro (...) porque quando eu li o livro eu via, fiz a experiência com as crianças e vi que as crianças pensam diferente dos adultos com relação como se dá o processo de leitura e escrita. Pra mim, profissionalmente, mudou bastante essa questão”. (Professora 4)

No terceiro grupo estão as entrevistadas que mencionaram livros literários como os que consideram inesquecível, que marcaram um momento na sua história de leitura. Entre os livros apontados, destacam-se as obras da literatura infantil, principalmente obras de Sérgio Caparelli[†], lidas durante o ensino fundamental, ou quando já lecionava para as crianças, Vovô fugiu de casa^{**} e Os Meninos da Rua da Praia:

“(...) o livro Vovô fugiu de casa, não sei se porque a gente conhece o trajeto onde é contada a história, parece que tu esta viajando junto com o personagem, parece que esta vivenciando aquilo ali. Eu achei lindo.” (Professora 4)^{** **}

Outra obra citada por algumas professoras como a sua leitura mais significativa foi O Pequeno Príncipe, de Saint Exupéry^{***}, leitura feita durante a adolescência e que trouxe uma mensagem que essas leitoras não esqueceram:

“(...) eu lembro, cada vez que se fala em leitura, é O Pequeno Príncipe, talvez pela mensagem, (...) da expressão de seguir em frente, da luta, da busca, e é o que eu quis, tanto é que, se eu tivesse dado ouvidos a minha família eu não estava aqui.” (Professora 3)^{****}

* Caparelli, Sérgio – Os Meninos da Rua da Praia. Porto Alegre: L&PM, 1978.

** _____ - Vovô fugiu de Casa. Porto Alegre: L&PM, 1981.

*** Saint-Exupéry, Antoine de – O Pequeno Príncipe. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

**** Professora 3

***** Professora 4

Percebe-se que os textos apontados por essas professoras como sendo os mais significativos entre as poucas leituras realizadas por elas são textos lidos há algum tempo e que sempre tiveram um reconhecido valor na escola.

Quando questionadas a respeito das leituras que atualmente estariam realizando, percebe-se que a maior parte das entrevistadas dedica-se à leitura de jornais e revistas quase que diariamente e mais raramente a algum título de livro. Outras se referiram, com certa ênfase, a alguma leitura de cunho religioso, ou ligado à espiritualidade que é realizada de forma frequente.

4 - GOSTO PELA LEITURA: O DESPERTAR*

A literatura infantil e a prática pedagógica estão interligadas. Desde a origem da literatura infantil, ela tinha por objetivo instruir as crianças, ou seja, os textos dirigidos aos adultos eram adaptados para o público infantil com uma função didática.

Contudo percebe-se que as novas produções literárias são dirigidas ao público infantil como relata Marli Amarilha (1997) os textos possuem proposições sugestivas que respeitam a criança na sua capacidade lúdica, poética e criativa para responder com inteligência aos jogos propostos pela literatura.

Ainda em Id.,1997 diz que ela possui um “caráter formativo que não se presta ao domínio escolarizado de pontos, deveres e notas”, mas contribui, por exemplo, para o acesso à linguagem escrita e ao jogo lúdico próprio da linguagem literária. Assim, é através do jogo que a criança poderá exercitar algumas funções que desempenhará mais tarde.

Na entrevista realizada, constata-se que a maior parte das professoras lê obras infantis, em função do trabalho com as crianças na escola ou do convívio com os filhos. No ponto de vista de algumas entrevistadas com relação à literatura dirigida às crianças, ela é muito importante, pois seus planos de aula vinculam-se à mesma:

“A base de meu trabalho é a literatura infantil. (...) Trabalho essencialmente com a literatura. Todos os meus trabalhos são em

*Professora 3

cima da literatura” (Professora 3)^{*}

A leitura de uma obra infantil muitas vezes é vista como uma estratégia para acalmar as crianças, além de atividade para despertar o interesse pela leitura. Contudo, os professores afirmam que as crianças precisam “ter amor à leitura”, pois a partir de uma história contada que as agradem, elas vão para outros textos.

A personagem do contador de histórias é vista pelas professoras como indispensável para que as crianças tenham uma proximidade maior com os livros. Assim, algumas das entrevistadas relataram que, no momento em que leem um texto literário infantil para seus alunos, o interesse deles pelas histórias cresce, pois eles vão à busca de outros livros.

A professora 2^{*} que trabalha com pré-escola, diz que as crianças †procuram livros cujas histórias já ouviram e as “leem da maneira deles”.

Aqui é que a escola assume um papel determinante na fase do relacionamento precoce com o livro, cujo gosto pode se perpetuar por toda a vida adulta.

5 – O ACERVO PESSOAL

Quando interrogadas sobre os materiais de leitura que possuem em casa, todas as entrevistadas demonstraram possuir diversos materiais. Enquanto algumas afirmam ter livros variados, outras dizem possuir de tudo um pouco, mas em pequena quantidade.

Afirma Rolla (1995) que o professor é quem faz o conhecimento circular, portanto deveria ter uma proximidade muito maior com os livros, ou seja, possuir um acervo pessoal. No entanto, o professor geralmente é proprietário de uma biblioteca formada quase que totalmente por livros didáticos e, quando necessita de algo que não possui, recorre à biblioteca escolar, que raramente é atualizada.

No entanto, nota-se que as professoras entrevistadas possuem certa

* Professora 2

proximidade com os periódicos, pois muitas delas relatam que têm contato frequente com materiais de leitura adquiridos por assinatura com preferência por publicações que tratam de educação (Revista Nova Escola, Pátio). Várias afirmam receber diariamente um jornal, contudo, se detêm somente na leitura das manchetes ou artigos que despertam alguma curiosidade ou entretenimento.

Quando se referem a livros, lembram que possuem, mas nem sabem dizer os seus títulos. As professoras afirmam também possuir obras literárias em seu acervo pessoal, desde romances da literatura brasileira até livros de literatura infantil, que adquiriram no decorrer de sua formação acadêmica ou para a leitura dos filhos.

“(...) tenho histórias infantis, que eram dos meus filhos. A Branca de neve, O Lobo Mau, Os Três Porquinhos, João e o Pé de Feijão, minha mãe contava para mim. Tenho outros livros, literatura, romances.” (Professora 1)*

Nota-se que algumas professoras não têm o hábito de acrescentar ao seu acervo obras atualizadas, apenas mantêm as poucas obras que foram adquiridas no decorrer do ensino médio e curso superior.

Afirma em Id., (1995) *Professor de 1º Grau: Identidade em jogo* escreve que o professor precisa “estar atento ao conteúdo específico que lhe cabe ensinar e ao complexo interdisciplinar (ciências da educação) que o leva a aprofundar a sua compreensão do aluno e da realidade social”.

Como há, atualmente, um grande interesse por leituras ligadas à religião, ao espiritismo, autoajuda, política, saúde e a psicologia, algumas professoras têm o hábito de comprar obras que tratem desses temas. As professoras afirmam que essas obras tomaram-se leituras de cabeceira, principalmente quando estão passando por problemas existenciais.

6 - A FORMAÇÃO DO LEITOR

Praticamente todos os educadores afirmam que toda criança precisa

* Professora 1

viver num ambiente familiar em que a leitura seja uma atividade diária, onde principalmente, os pais demonstrem a importância que dão a essa atividade, lendo diversos tipos de textos. Além disso, ressaltam que os materiais de leitura, como jornais, revistas e livros infantis devem estar à disposição da criança, ou ainda, que esses textos sejam lidos oralmente para ela. Pensando assim, os educadores acreditam que a formação de um leitor será facilitada, pois a leitura já estará fazendo parte das atividades que a criança costuma realizar, seja folheando um livro ou ouvindo uma história.

Contudo, a maioria das crianças que chega às escolas públicas brasileiras pertence a famílias cujos rendimentos são mínimos, geralmente destinados a sua sobrevivência. Desta forma, é compreensível que numa casa em que os recursos são escassos, os materiais de leitura também sejam raros ou inexistentes. Mesmo com os recursos doados pelo governo, a chamada bolsa família.

No caso das famílias das entrevistadas percebe-se que a leitura é lembrada pelos educadores como fazendo parte da sua infância onde manuseavam os livros de um irmão mais velho ou ouviam histórias do folclore popular contadas pelo pai ou pela avó. daquelas professoras que relataram ter um ambiente propício para a leitura, com a presença de contadores de história e o manuseio de materiais de leitura, algumas se consideram leitoras. Dos educadores que afirmaram serem leitores atualmente, dois relataram que na casa onde passaram a infância não havia nenhum tipo de texto escrito, principalmente livros.

Também há educadores que dizem não serem leitoras porque viveram num ambiente em que os materiais de leitura praticamente inexistiam. Algumas contam que seus pais trabalhavam muito, frequentaram pouco a escola e não havia recursos financeiros para adquirir materiais de leitura.

A partir do relato da professora 2*, comprova-se que muitas famílias viam a escola como sendo o único local onde as crianças poderiam ter acesso a textos escritos, ou seja, onde elas teriam a oportunidade de aprender a ler e escrever e, talvez, tomarem-se leitoras. A família vê o ambiente escolar como o local mais apropriado para que a leitura seja estimulada, não cabendo aos pais

* Professora 2

nenhuma responsabilidade em despertar o gosto pela leitura. No entanto, torna-se necessário salientar que esses pais também não tiveram acesso à leitura por diversas razões, quando muito, foram simplesmente alfabetizados, ou seja, aprenderam a ler e escrever.

Quanto à existência de livros ou outros materiais de leitura nas escolas que cursaram o ensino fundamental, as professoras recordam-se tanto dos textos dos livros didáticos como da leitura de livros de literatura infantil, pois os acervos das escolas eram muito pobres, não iam além dos clássicos da literatura infantil, geralmente lidos em sala de aula.

Quando a escola possuía uma biblioteca, e emprestava os livros para serem lidos em casa, elas destacam que essa era uma das atividades que gostavam muito de fazer. Essa atitude de retirar um livro, de uma biblioteca, e o levar para casa demonstra que o livro fazia parte da infância de alguns educadores, que a leitura era vista como uma atividade que proporcionava a diversão.

Quando os educadores foram questionados sobre as lembranças que tinham das primeiras séries com relação à leitura, percebe-se que os professores trabalhavam muito mais com textos avulsos, passados no quadro ou mimeografados, do que com livros da literatura infantil. Para algumas das entrevistadas, a primeira imagem que recordam das aulas de leitura que tiveram da primeira série à terceira ou quarta séries refere-se ao livro didático e ao estudo de textos.

Os livros citados pelas professoras como sendo aqueles que mais gostavam de ler durante a infância pertencem aos clássicos da literatura infantil. As histórias desses livros, geralmente lidos pelos professores, pelos pais ou por elas mesmas, são lembradas até hoje, inclusive o modo como o conto foi lido em sala de aula, como relata a entrevistada 2*:

“Eu acho que nunca vou esquecer A Branca de Neve e os Sete Anões, (...) até hoje eu tenho marcado na minha lembrança a forma que ela contou e ela contando. Ela entrando na história e fazia tudo o que tinha na história, era a maneira dela contar àquela história que me fascinou, nunca vou esquecer”.

* Professora 2

Somente na adolescência, muitas professoras passaram a ler por obrigação, para o cumprimento de tarefas escolares. Até então, segundo o relato da maioria das entrevistadas, a leitura fazia parte das atividades de sala de aula, através da leitura de textos e da resolução de exercícios sobre os mesmos, mas essas tarefas eram cumpridas com certo prazer. Nota-se que a partir da sétima ou oitava séries a ação de ler um livro passou a ser mais impulsionada pela nota de um trabalho do que pelo prazer de lê-lo.

As professoras entrevistadas ressaltaram que a partir das séries finais do ensino fundamental e durante o curso secundarista a leitura foi muito mais exigida, principalmente pelos professores de Língua Portuguesa. Contudo, as leituras preferidas eram aquelas que elas mesmas buscavam, através da troca de revistas com colegas ou através do empréstimo em bibliotecas.

Apesar das entrevistadas considerarem que a leitura fez parte da sua vida escolar com maior intensidade na adolescência, sabe-se, como afirma Lílian Lopes Martin da Silva (1986) na obra *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*, que as atividades de leitura dentro do ambiente escolar são mínimas, pois os professores de Língua Portuguesa, a quem é dada a responsabilidade de desenvolver essa tarefa, preocupam-se demasiadamente em repassar a enorme lista de conteúdos próprios da sua disciplina.

Em seu trabalho sobre a história de leitura de professores, Rolla (1995) observou que os entrevistados, através de comentários, faziam uma divisão entre a "leitura obrigação" e a "leitura prazer". Frente a isso, a pesquisadora percebeu que os professores, dependendo da situação de leitura, tinham comportamento diferente, que ela agrupou em três tipos: os que gostam de seguir seus interesses, sem interferência da escola, os que apreciam a leitura escolar por conta própria e os por obrigação só leem quando o professor solicita. Os comportamentos frente à leitura, que a autora observou em sua pesquisa, também podem ser observados nas histórias de leitura das professoras entrevistadas quando estavam nessa mesma faixa etária. Enquanto alguns buscavam e liam os romances de banca de jornal, outras

liam, além desses, os livros de José de Alencar* ou Machado de Assis** com prazer, e ainda havia aquelas que liam sem nenhum interesse as obras, apenas para realizar os trabalhos solicitados.

Quando frequentavam a faculdade, as entrevistadas abandonaram as leituras que faziam por interesse próprios e passaram a ler somente o que o curso exigia. Justificaram o abandono dizendo que, para o cumprimento dos conteúdos das disciplinas, os professores indicavam muitos textos para serem lidos e solicitavam elaboração de resumos ou comentários, portanto não havia tempo para outras leituras. Por outro lado, houve professoras que passaram a ler muito mais durante a formação superior ou de pós-graduação. Todas as entrevistadas afirmaram que as leituras feitas por prazer foram marcantes.

As obras da literatura infantil, que algumas professoras apontaram como sendo as que jamais esquecerão, apresentam como no caso do livro *O Pequeno Príncipe*, reflexões que fazem com que ocorram mudanças na maneira de viver. Essa idéia de que todo livro deve provocar mudanças no leitor é compartilhada por algumas professoras que dizem gostar muito mais de obras que tratam de questões existenciais.

Entretanto, sabe-se que no ambiente escolar a pessoa que possui a maior responsabilidade em trabalhar com a leitura e, conseqüentemente, de participar de atividades culturais de leitura é o professor de Língua Portuguesa e de Literatura.

7 - OS MEDIADORES SOCIAIS

Da infância à fase adulta das professoras, várias pessoas exerceram o papel de mediadores, apresentando histórias oralmente ou indicando livros para serem lidos. Alguns desses mediadores fazem parte da família, outros pertencem ao ambiente escolar.

No convívio com os pais, irmãos, avós e tios, algumas entrevistadas conheceram histórias e formaram o gosto pela leitura, mesmo que esse gosto não tenha se mantido até a fase adulta, pois algumas afirmam não serem

*Alencar, José Martiniano de.

** Machado de Assis, Joaquim Maria.

leitoras. Os momentos em que as crianças reuniam-se para ouvir uma história são lembrados como momentos de magia, pois os fatos eram narrados de forma a estimular a imaginação dos ouvintes. São lembrados especialmente os "causos" inventados pelos pais, repletos de aventuras que eles teriam vivenciado como lembra a professora 1.* Ou mesmo os textos religiosos lidos pela mãe.

Fora do ambiente familiar os mediadores também estiveram presentes, especialmente na escola, com os professores das séries iniciais, o lugar privilegiado da leitura. Quando estudantes, a entrevistadas, com algumas exceções, viram o professor do ensino fundamental como alguém que as aproximou da leitura. Muitas vezes essa aproximação foi fracassada, porque alguns professores, principalmente os de Língua Portuguesa, transformavam a atividade de leitura em uma atividade cansativa e "chata".

Algumas professoras relataram que a experiência de comentar as leituras que realizavam na adolescência, principalmente aquelas que haviam sido indicadas pelos professores, não era uma das atividades de que mais gostassem. Contudo, nada disseram contra as atividades que a escola propunha nas aulas de leitura até a terceira ou sexta séries.

Assim, percebe-se que, a leitura é vista pela criança como algo que faz parte das coisas que gosta de fazer. Manusear um livro traz tanto prazer quanto se divertir com um brinquedo qualquer. Isso ocorre pela forma como a leitura é apresentada à criança e depois ao adolescente, ou seja, o mediador das séries iniciais organiza as suas aulas de leitura de uma forma bem diferente que o mediador das demais séries.

Quanto à leitura no contexto escolar, em Silva (1991, p.47-48) afirma que se a principal finalidade dos trabalhos com leitura escolar é formar leitores críticos e criativos, há necessidade de se "verificar suas implicações na esfera dos conteúdos e das metodologias de leitura". Complementa dizendo que "uma nova proposta para o ensino da leitura deve apresentar uma coerência entre fins e meios, entre teoria e prática, entre discurso e ação, sem o que não há mudança concreta". Frente aos relatos que as entrevistadas fizeram com relação à leitura no meio escolar, nota-se que tais mudanças são de fato

* Professora 1

necessárias. Assim, para que os educadores sejam realmente mediadores eficazes, toma-se imprescindível que o trabalho com a leitura realmente aproxime os alunos dos textos escritos.

Algumas das entrevistadas encontraram no ambiente escolar em que lecionam colegas que desempenham o papel de mediadores. Esses colegas provocaram mudanças na sua relação com a leitura, pois indicam obras que despertam o interesse.

Observando os educadores enquanto mediadores, percebe-se que muitos deles procuram formar alunos leitores. Para que isso aconteça, afirmam que a leitura está sempre presente em suas aulas. Contudo, alguns repetem os erros que talvez o professor deles tenha cometido.

Numa posição oposta, encontram-se professoras que demonstram conhecer as finalidades da leitura escolar. Algumas têm a preocupação em mostrar a seus alunos a importância da leitura e a apresentar como algo interessante e divertido, pois, como não se sentem leitoras ideais, querem formar leitores conscientes, críticos.

8 - ANÁLISES DAS HISTÓRIAS DE LEITURA

No momento em que foi solicitado às entrevistadas que avaliassem sua história de leitura e respondessem se eram leitoras, a maioria preferiu responder objetivamente ao segundo questionamento, justificando a resposta com fatos da sua história de leitura. No momento, as entrevistadas remeteram-se muito mais a situações recentes do que aos fatos relatados no transcorrer da entrevista, relacionados à infância e à adolescência.

Algumas, mesmo demonstrando terem certa proximidade com a leitura desde crianças, afirmam não serem leitoras, pois acreditam que a quantidade de leituras realizadas atualmente é pequena, e precisariam ler mais. Uma das entrevistadas assim é a professora 1*, que cresceu num ambiente propício à leitura frequentou bibliotecas durante toda a sua vida escolar, e sempre procurou ler mais do que os professores exigiam dela.

Além da falta de tempo, algumas professoras encontram outra

* Professora 1

justificativa para sua condição de não leitoras. Apontam o pouco estímulo que receberam quando crianças, principalmente da escola, local em que os livros didáticos predominavam e os professores motivavam a leitura de obras literárias com base em atividades que seriam avaliadas. Assim, por não terem formado o gosto pela leitura na infância ou na adolescência, consideram que agora, depois de adultas, nada pode ser feito para tornarem-se leitoras. Mesmo assim, assumem a responsabilidade de formar crianças que leiam.

Tanto para as que se consideram leitor quanto para aquelas que afirmaram que não são a leitura é algo que consideram muito importante para qualquer pessoa, principalmente para o educador. No entanto, algumas das entrevistadas informam que leem, por exemplo, os livros infantis para fazer o controle nas atividades propostas aos alunos.

Ainda, observa-se que a maioria das educadoras entrevistadas, mesmo considerando-se não leitoras, procura demonstrar no decorrer da entrevista que desejam formar leitores entre as crianças.

Foram raros os depoimentos em que as professoras relacionaram as leituras que faziam nos momentos de lazer, ou seja, as poucas leituras realizadas têm como objetivo principal adquirir ou aprimorar conhecimentos. Ler por prazer é uma atividade praticada por poucas entrevistadas. Mesmo o texto literário, que deveria proporcionar prazer, devido ao seu sentido lúdico, praticamente não é lembrado entre as leituras que realizam eventualmente.

9- CONCLUSÃO

O perfil de leitor dos educadores entrevistados demonstra o pouco envolvimento desses profissionais com a leitura. O relacionamento com a leitura inicia em casa, com os familiares ou na escola, com a leitura de textos dos livros didáticos. Depois de alfabetizados, é durante a adolescência que a maioria dos entrevistados conhece a leitura por obrigação, sendo que até então, liam por prazer.

Durante a formação de ensino médio e superior, observa-se uma ênfase na leitura de textos que pretendem formar o profissional de educação. Pelo fato de terem de ler muitos textos e realizarem várias tarefas com base nas leituras,

o ler por prazer também esteve ausente nessa fase da vida dos educadores.

Apesar das poucas leituras realizadas durante a infância, a adolescência, e nos últimos anos, a maioria dos entrevistados consegue apontar uma como sendo a que marcou a sua história de leitura até o momento. Entretanto, durante a entrevista, algumas professoras citam pouquíssimas obras que tenham lido e quando as citam, lembram-se apenas dos títulos.

Uma das razões para que as obras infantis, os jornais e as revistas sejam os materiais de leitura mais lidos encontra-se na pouca extensão dos textos e na pouca complexidade dos mesmos, que não exigem um leitor muito preparado e nem muito tempo para a leitura. Outra razão diz respeito à função de educador, segundo os próprios entrevistados, que mantenha a pessoa informada sobre tudo o que acontece de relevante no mundo de hoje.

Quando os educadores afirmam que leem pouco, alguns justificam dizendo que possuem pouco tempo livre e os livros são caros, outros afirmam que não foram estimulados para gostar de ler. Contudo, alguns demonstram que conseguem organizar as suas atividades de maneira a encontrar tempo e dinheiro para comprar e ler aquilo que desperta seu interesse. A falta de motivação para ler é reconhecida como um problema de difícil solução, pois as causas estão no passado e são apontadas como irreversíveis não havendo mais nada a ser feito.

Percebe-se ainda que a maior parte dos educadores realmente não são leitores, como uns reconhecem, há um pequeno grupo de profissionais que têm a leitura como um hábito. Entre todos os que estão distanciado da leitura, verifica-se um real interesse em ser leitor. Deste modo, deixam transparecer que as falhas ocorridas durante a sua formação não pesam tanto quanto a falta de interesse atual. Acreditam ser possível construir a figura do educador leitor, mesmo com todas as dificuldades existentes. E que seu trabalho incentive seu aluno a redimensionar a leitura em busca do prazer.

9 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas? Literatura Infantil e Prática Pedagógica.** Petrópolis: Vozes; Natal: EDUFRN, 1997.

BORDINI, Maria da Glória, AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: A Formação do Leitor: Alternativas Metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

GREGG, M., & SEKERES, D. (2006). **Supporting reading of expository text in the geography classroom.** *The Reading Teacher* 60(2), 102-110.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo.** São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Leitura Rarefeita: livro e literatura no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

MOTA, Olga Maria da. **Fatores de interferência no processo de formação do leitor: realidade de Aracaju, SE.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: CPL/PUCRS, 1985.

OLIVEIRA, Ana Cristina Baptistella de. **Qual a sua formação, professor?** Campinas, SP: Papirus, 1994.

ROLLA, Ângela da Rocha. **Professor: perfil de leitor.** Tese de Doutorado. Porto Alegre: ILA/PUCRS, 1995.

SALLES, J. F., & PARENTE, M. A. P. P. (2002a). Relação entre os processos cognitivos envolvidos na leitura de palavras e as habilidades de consciência fonológica em escolares. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, 14(2), 141-286.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Professor de 1º grau: Identidade em jogo.** Campinas: Papirus, 1995

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1996.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. **A Escolarização do Leitor: a didática da destruição da leitura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura e o Ensino da Literatura**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 1991.